

AS OPERAÇÕES

DO

Entendimento segundo Spencer

(FRAGMENTO)

I

PHYSIOLOGIA E PSYCHOLOGIA

Segundo Spencer, a vida psychica é apenas um caso particular da vida physica, ou antes e para empregar os proprios termos de philosopho, «a vida do corpo e a vida mental são especies de que a vida propriamente dicta é o genero.» (1) Mais claramente, conforme Ribot: «Sensações, sentimentos, instinctos, intelligencia, tudo isto constitue um mundo á parte, mas que sae da vida animal, que ahi mergulha suas raizes e é como que a sua efflorescencia, de maneira que entre a funcção mais humilde e o mais alto pensamento não ha opposição de natureza, mas apenas differença de grau, não

---

(1) Spencer—*Principios de Psychologia*.

sendo cada um senão uma das innumeras manifestações da vida.» (1)

Cumpre, porem, indagar quaes os caracteres que distinguem a vida psychica, o que faz della um conjuncto particular de factos, obedecendo a leis especiaes, e constituindo o objecto de uma sciencia especial. E' o que equivale a mostrar a distincção que ha entre a psychologia e a physiologia.

Spencer faz esta distincção como se segue: «As duas classes de phenomenos vitaes que abraçam a physiologia e a psychologia distinguem-se claramente nisto: emquanto uma das duas classes encerra mudanças ao mesmo tempo simultaneas e successivas, a outra encerra somente mudanças successivas: emquanto os phenomenos que são o objecto da physiologia apresentam-se sob a forma de um numero immenso de series conjunctamente reunidas, os que são objecto da psychologia apresentam-se sob a forma de uma simples serie.

As numerosas acções, cuja continuidade constitue a vida do corpo em geral, são simultaneas: é assim que a digestão, a circulação, a respiração, as excreções e secreções etc, realisam-se ao mesmo tempo e numa dependencia mutua. O mesmo não se dá com as acções que constituem o pensamento, as quaes se produzem não conjunctamente, mas uma depois de outra» (2)

Em outros termos: nos phenomenos physiologicos ha ao mesmo tempo coexistencia e successão; nos phenomenos psychicos ha successão sómente. Ou ainda: os phenomenos physiologicos entram na cathegoria do movimento e como taes dão-se dentro do espaço; os phenomenos psychicos dão-se fóra do espaço e como taes não podem ser explicados como modos do movimento, pois que não é concebivel a idéa de movimento fóra do espaço. Movimento é corpo deslocando-se no espaço.

---

(1) Ribot—*Psychologie Anglaise contemporaine.*

(2) Spencer.—Ob. cit. Quarta Parte — Synthese Especial § 177.

Spencer, bem se vê, não chega a estabelecer claramente tal doutrina que de certo modo é irreconciliavel com a sua interpretação realista dos phenomenos do espirito, mas é isto o que forçosamente se deduz das premissas que estabelece.

Não ha, entretanto, segundo elle incompatibilidade absoluta entre os phenomenos psychicos e os phenomenos physiologicos e, quando mesmo a mais alta vida psychica fosse absolutamente distincta da vida physica, ficaria sempre certo que a vida psychica em suas phases inferiores não se distingue por tal modo, nascendo a distincção sómente com o curso do progresso vital.

Para bem comprehender esta distincção, Spencer julga preciso examinar como a vida psychica começa, mostrando em seguida os principaes graus de seu desenvolvimento. Ora, no começo ha communidade completa de acções em todas as partes do tecido homogeneo de que são feitos os animaes inferiores. Cada parte do organismo faz justamente o que faz qualquer outra, e as acções vitaes produzem-se simultaneamente e da mesma maneira sobre muitos pontos. Não ha neste periodo nenhuma differença de estructura ou de funcção e a vida psychica não se distingue absolutamente da vida physica. Mas ha os tecidos internos e os tecidos externos, notando-se que a funcção realisada por uns não é identica á que realisam os outros. Os tecidos intimos constituem propriamente a massa do organismo; os externos formam a pelle que o involve; e ao passo que os tecidos internos estão sómente em contacto uns com os outros, os externos põem-se em relação com o mundo exterior. E é aqui que começa a primeira differenciação.

Depois tanto os tecidos internos como os externos se dividem e subdividem em orgãos particulares, cada um dos quaes exerce uma funcção distincta, formando-se dos tecidos internos os orgãos de conservação e reproducção, e, servindo de baze os tecidos externos aos orgãos de relação, se bem que tambem estes se liguem ao centro, prendendo-se, como se sabe, á organisação cerebral de que são por assim dizer um prolongamento, sendo

que é no cerebro que vae sempre repercutir o choque produzido em qualquer um dos orgãos dos sentidos toda vez que se põe o organismo em relação com as forças externas. Dos tecidos internos formam-se o estomago, o coração e os rins, bem como todos os outros orgãos de funcções propriamente physiologicas; na superficie externa do organismo localisa-se o tacto e com elle todos os orgãos da sensibilidade. E é bem sabido que o grau de desenvolvimento do organismo está na razão directa da complicação dessa divisão e subdivisão da estructura, com a correspondente complicação da divisão e subdivisão de funcções na economia organica. Mas, o que caracterisa as funcções psychicas é que, confundindo-se de principio com as funcções physiclogicas que comprehendem mudanças ao mesmo tempo simultaneas e successivas, distinguem-se pela tendencia crescente de suas mudanças a tomar a ordem successiva com exclusão da ordem simultanea.

II

LEI DA INTELLIGENCIA E CORRESPONDENCIA DAS CIRCUMSTANCIAS EXTERNAS COM A ORDEM PSYCHICA

Antes de passar a outras investigações, cumpre indagar qual vem a ser a lei da intelligencia. Spencer a formula e explica deste modo:

« A persistencia da connexão entre dous estados de consciencia é proporcional á persistencia da connexão entre os phenomenos externos a que correspondem. As relações entre os phenomenos externos são de todos os graus desde o absolutamente necessario até o puramente fortuito. As relações entre os estados de consciencia devem semilhantemente ser de todos os graus desde o absolutamente necessario até o puramente fortuito. E quando a correspondencia se torna completa, isto é, quando a intelligencia se torna mais elevada, os diversos graus da ordem externa tornam-se demais a mais rigo-

rosamente parallelos aos diversos graus da ordem externa. » (1)

Não se poderia encontrar ahi alguma analogia entre a doutrina de Spencer e as tendencias que levaram os Allemães á concepção da lei psychophysica? O que Spencer chama circumstancias externas é o que os Allemães denominam excitação; e, quanto aos factos internos ligam-se á consciencia, ou antes á sensação. Fechner estabelece que a sensação cresce numa razão arithmetica, emquanto a excitação cresce numa razão geometrica: X-lgy. Spencer affirma que a ordem interna é proporcional á ordem externa. As duas leis não tem a mesma significação, nem siquer explicam os mesmos phenomenos, mas coincidem quanto ao ponto de vista geral. E' certo que Fechner considera a excitação e a sensação ambas no organismo, comparando a intensidade do esforço com a intensidade da sensação, ao passo que Spencer colloca de um lado o espirito e do outro lado a natureza, formulando a lei em virtude da qual aquelle se manifesta em correspondencia desta; e, assim comprehendidos, os dous systemas não essencialmente diversos.

Mas ha um ponto de contacto entre os dous e é que ambos procuram a lei do espirito fóra dos phenomenos do proprio espirito. De tudo o que se deduz é a unidade fundamental da natureza, quer se considere debaixo do ponto de vista subjectivo, quer se considere em suas manifestações exteriores. O espirito serve de medida para a materia, a materia serve de medida para o espirito. Em outros termos: a materia e o espirito são uma só e mesma cousa encarada sob pontos de vista apparentemento antagonicos.

Quanto á difficuldade que ha para explicar como podem as circumstancias externas corresponder á ordem interna, quando consiste esta sómente em successão, ao passo que aquellas comprehendem successão e coexis-

---

(1) Principios de Psychologia, parte IV Synthese especial.

tencia, Spencer a resolve considerando que a relação de coexistencia é como uma sequencia dupla,—sequencia cujos termos se succedem na consciencia em uma ou outra ordem, com uma facilidade e força iguaes. Além disto vê-se, mesmo a *priori*, que a consciencia não existindo senão por uma successão de mudanças, uma não mudança externa não se pode offerecer á consciencia, senão por uma mudança que se volta, por uma progressão que é seguida instataneamente de uma regressão equivalente, —por uma duplicação na intelligencia que é composta de uma sequencia e dessa sequencia voltando sobre si mesma. (1)

Spencer explica e desenvolve esta doutrina pela maneira seguinte: « Se dous phenomenos *A* e *B* coexistem habitualmente no meio ambiente, quando o phemeno *A* se offerece aos sentidos, o estado de consciencia *a* que elle produz é immediatamente seguido de um estado *b*, que representa o phenomeno *B*. O processo do pensamento não deve, entretanto, terminar ahi, porque se o fizesse, a relação seria conhecida como sequencia.

Mas o phenomeno *B*, no meio ambiente, sendo tanto o antecedente de *A* quanto *A* é o de *B* (não havendo de um para outro antecedencia ou consequencia senão na ordem em que delles temos experiencia) d'ahi resulta que o estado *b* sendo produsido, a lei implica que será seguido de *a*. O estado *a* por sua vez produz o estado *b* e é elle proprio ainda uma vez produzido; e assim por diante emquanto esta relação fixa o objecto do pensamento. Para tornar a questão mais clara, tomemos um exemplo. Se, á luz, nos são offerecidos os contornos visiveis e as cores de um corpo, o estado de consciencia que d'ahi resulta é instataneamente seguido pela consciencia de alguma cousa de resistente; e por outro lado se, nas trevas, se toca um corpo, o estado de consci-

---

(1) Spencer obr. cit. Quarta Parte, Cap. II.

encia que d'ahi resulta é instantaneamente seguido pela consciencia de alguma cousa de extenso.

Mas nem em um nem em outro caso, isto é tudo. Quando a consciencia de resistencia suggeriu a da extensão, a consciencia da extensão não é seguida de uma terceira de outra ordem. Se assim fosse o objecto cessaria de ser pensado.

Mas, como é sabido, quando a idéa de extensão foi suggerida, a de resistencia não desappareceu completamente, e quando foi suggerida a de resistencia, tambem não desapparece completamente a de extensão. Ambas continuam a ser pensadas, e, ao que parece, quasi simultaneamente. E como os dous termos da relação, a extensão e a coexistencia, não podem ser conhecidos por um acto de consciencia que seja absolutamente o mesmo, e demais a consciencia persistente de um e outro não pode ser um estado de consciencia que seja equivalente a uma não coexistencia, segue-se que essa representação dos dous, que parece incessante, é na realidade uma alternação rapida,—uma alternação bastante rapida para produzir o effeito da continuidade: do mesmo modo as alternativas de luz e de trevas, a que é submettida cada parte da retina quando fixada sobre uma luz que gira rapidamente em redondo, produzem sobre ella a impressão de um circulo de fogo. E ainda do mesmo modo as alternações que experimenta o tympano do ouvido quando recebe uma successão de impulsões distinctas, constituem uma sensação uniforme de som.» (Obr. cit.)

III

A ACÇÃO REFLEXA COM TRANSIÇÃO DA VIDA PHYSICA PARA A VIDA PSYCHICA.

Conhecida a lei da intelligencia, torna-se facil no systéma de Spencer explicar como devem ser comprehendidas as diversas operações do entendimento; como deve ser comprehendida e explicada a intelligencia pro-

priamente dicta, isto é, o principio gerador do conhecimento; como devem ser comprehendidos e explicados o sentimento, a vontade, a razão. Ribot resume nestas poucas palavras todas as idéas de Spencer com relação ao assumpto: «Acção reflexa em seu mais baixo grau, a vida psychica torna-se instincto; e d'ahi, de uma parte, as manifestações cognitivas: memoria, razão; de outra parte, as potencias affectivas: sentimento, vontade.» (1)

Tudo modificações e decomposições de uma só e mesma cousa—eis a formula geral de todos os phenomenos do espirito; e do mesmo modo que na natureza tudo se explica em funcção do movimento, assim tambem na vida psychica tudo se explica como modificação da acção reflexa.

A acção reflexa, por sua vez, é bem de ver, deve ser comprehendida como um caso particular do movimento.

A acção reflexa representa, pois, na psychologia de Spencer um grande papel: é o agente primordial de todos os phenomenos psychicos, do mesmo modo que a materia é a massa unica de todos os phenomenos mechanicos e physico-chimicos. Cumpre, pois, estudal-a um pouco mais detidamente.

O que vem a ser a acção reflexa, esse facto tão importante que é nada mais nada menos que o principio gerador de todos os phenomenos psychicos? Para dar logo á primeira vista uma idéa do ponto de vista da theoria de Spencer, basta considerar que sendo a consciencia e a successão sem simultaneidade os factos caracteristicos dos phenomenos psychicos, succede que a acção reflexa é não somente simultanea, porem mesmo inconsciente. Vê-se, pois, que a acção reflexa não é propriamente um phenomeno psychico, mas antes um facto puramente physico, explicavel como consequencia de uma simples contracção por uma simples irritação. Mas é um facto que se passa nos nervos e nos musculos:

---

(1) Ribot—obr. cit.

por isto é um facto physico que ultrapassa o dominio da physica e serve de base aos phenomenos variadissimos que constituem o objecto da psychologia, caracterisados pela presença da consciencia. Sendo assim, é de evidencia intuitiva que a acção reflexa já não pertence á vida physica, constituindo, por assim dizer, o começo da vida psychica. Spencer explica-se assim: « A acção reflexa sendo a forma a mais inferior da vida psychica, isto mesmo implica que é a forma a mais proxima da vida physica, —aquella em que começa a differença entre a vida physica e a vida psychica.» (1)

Tudo isto significa apenas que a acção reflexa constitue exactamente a transição da vida physica para a vida psychica, explicando-se esta como uma transformação ou modificação daquella, o que faz desapparecer o abysmo que em outros pontos suppõe Spencer existir entre os phenomenos de movimento e os phenomenos de consciencia.

Passemos agora á analyse dos differentes processos da vida mental, que todos se explicam como modificações e complicações da acção reflexa.

IV

INSTINCTO

Na linguagem commum, no modo vulgar de entender as cousas, comprehende-se o instincto como a intelligencia animal. Tudo o que o homem faz, fal-o por intelligencia; tudo o que o animal faz, fal-o por instincto. E' nisto que está a distincção entre o animal e o homem. E' dahi que vem tambem a razão porque o homem está sempre em progresso, ao passo que o animal conserva-se immovel, não sendo susceptivel, ao que se suppõe, de desenvolvimento, sendo que a intelligencia é essencialmente progressiva, ao passo que o instincto,

---

(1) Obr. cit. loc. cit.

debaixo de certo ponto de vista, é cégo e immutavel. Assim as obras do homem vão sempre mudando, vão sempre se modificando e aperfeiçoando, ao passo que o animal o que faz hoje fazia ha milhares de annos. O passaro construe ainda hoje o seu ninho do mesmo modo que o construia nos tempos primitivos da humanidade. Isto se explica pelo facto de que no homem ha intelligencia, ao passo que no animal ha sómente instincto; mas semelhante modo de pensar não é verdadeiro; sendo que, reduzido a sua significação propria, o instincto existe tanto no animal, como no homem. Não é uma propriedade particular de certos e determinados seres; não é, como se poderia de certo modo affirmar, a *intelligencia dos brutos;* é um facto commum a todos os organismos vivos, sendo uma complicação da acção reflexa, do mesmo modo que todos os outros processos mentaes podem ser interpretados como uma complicação do instincto. E' assim que emquanto na acção reflexa simples uma impressão é seguida de uma só contração, emquanto nas formas mais desenvolvidas da acção reflexa uma só impressão é seguida de uma combinação de contracções, no que distinguimos sob o nome de instincto, uma combinação de impressões produz uma combinação de combinações e na forma a mais elevada, no instincto o mais complexo, ha cordenações que tendem ao mesmo tempo a dirigir e a executar. De maneira que no sentido estricto, não ha linha de demarcação entre o instincto e a acção reflexa da qual elle sae por complicações successivas.

V

A MEMORIA

Do mesmo modo que a acção reflexa se transforma insensivelmente em instincto, assim tambem o instincto gradativamente se constitue em memoria, por tal modo que tambem entre a memoria e o instincto, como entre o instincto e a acção reflexa, não ha separação decidi-

damente perceptivel. Ao contrario «o instincto pode ser considerado como uma especie de memoria organisada, ao mesmo tempo que a memoria pode ser considerada como uma especie de instincto-nascente.»

De facto «lembrar-se, por exemplo, da cor vermelha, é estar, a um fraco grau, no estado psychico produzido pela presença da côr vermelha. Lembrar-se de um movimento feito com o braço é sentir, em um fraco grau, a repetição dos estados internos que acompanham o movimento; é um começo de excitação de todos esses nervos de que uma excitação mais forte foi experimentada durante o movimento.»

Vê-se d'ahi o caracter mechanico da memoria, segundo as idéas de Spencer. Recordar-se de uma cousa, lembrar-se de um facto qualquer, é sentir de novo, embora em grau muito mais fraco, as mesmas impressões que experimentámos na occasião em que fômos impressionados por aquella cousa ou aquelle facto. Dá-se uma ligeira reproducção das mesmos excitações nervosas e para essa reproducção é facil de ver que o principal ou unico agente é o instincto. Mas o instincto tornando-se ahi muito complexo já não pode obrar com a segurança automatica que lhe é propria, «dando-se no principal centro nervoso um conflicto entre as impressões e por consequencia entre as impulsões que essas impressões produzem para o movimento. Estas impulsões são então, cada uma em particular, supplantadas por outra, antes de se transformarem em phenomenos actuaes do movimento; e cada uma consistirá em uma forma nascente ou fraca do mesmo estado nervoso que resultaria do phenomeno de seu movimento, se elle se produzisse actualmente.» (1) E' justamente isto que se chama memoria—uma successão de excitação ou estados de consciencia, constituindo uma *reminiscencia* de phenomenos de movimento que em seu estado nascente já nos impressionaram.

---

(1) Obr. cit. loc. cit.

VI

A RAZÃO

Suppõe-se geralmente existir um abysmo entre a razão e o instincto; e quando se faz do instincto uma propriedade dos animaes irracionaes, denominando-o, como é usual, a *intelligencia dos brutos*, ao passo que se considera a razão previlegio do homem, não se faz mais do que reconhecer e confessar a existencia desse abysmo. Mas nisto ha erro, sendo que, segundo Spencer, entre a razão e o instincto não ha senão differença de graus. Os phenomenos psychologicos são continuos, e razão, memoria, acção reflexa, instincto não são factos diversos, mas somente gradações successivas de um só e mesmo facto: a vida physica que se transforma em vida psychica.

Spencer raciocina mais ou menos assim, remontando á theoria da correspondencia: o instincto é um ajustamento continuo de relações internas a relações externas, — o que é impossivel negar; cada acto racional é tambem um ajustamento continuo de relações internas a relações externas,—o que é egualmente impossivel negar. Logo, toda a distincção entre uma e outra cousa não póde ter outra base senão alguma differença no caracter das relações entre as quaes se produz o ajustamento. O que se dá é que emquanto no instincto a correspondencia é entre relações internas e externas que são muito simples ou muito geraes, na razão a correspondencia é entre relações internas e externas que são mui complexas, especiaes, abstractas ou raras.

Mas nisto ha simplesmente uma questão de graus, sendo que cada um destes caracteres é susceptivel de gradações innumeraveis pelas quaes os extremos se tocam.

De maneira que a evolução psychologica, quer dizer, a genese da vida psychica começa por um ajustamento perfeitamente automatico das relações internas com as relações externas que se transforma em correspondencia imperfeitamente automatica.

Passa depois, em seu progresso, dos phenomenos

simples e mais frequentes, até os que apresentam grupos de relações de uma complexidade consideravel e cuja producção é comparativamente rara.

E quando, em seguimento, a repetição das experiencias foi insufficiente para estabelecer de modo absoluto uma cohesão interna entre as mudanças sensoriaes produzidas por taes grupos e os phenomenos requeridos para adaptar o organismo a esses grupos; quando taes phenomenos de movimento e as impressões que devem acompanhal-os se produzem simplesmente no estado nascente—então pela excitação parcial dos agentes nervosos affectados produz-se uma idéa de taes phenomenos e impressões.

Isto constitue o que se chama memoria. Se tudo terminasse ahi, não haveria nenhuma manifestação de racionalidade. Mas o progresso vae por diante. As complicações nascentes se combinam de modo a confundir-se, e da confusão de uma impressão com outra que della se approxima resulta uma confusão nas impulsões ao movimento, e no conflicto que resulta entre ellas, uma é supplantada por outra, antes que tenham podido sair do estado nascente. Segue-se uma certa hesitação entre as nascentes excitações do movimento. Esta hesitação prolonga-se emquanto estas idéas de certas acções continuam a impedir ou embaraçar umas as outras; mas em todos os casos resultará sempre que uma impulsão qualquer hade prevalecer sobre as outras.

E, como estas diversas tendencias motoras que se combatem não se equilibrarão jamais exactamente, a mais forte terminará por se traduzir em acção, e, como a mais forte será necessariamente, na maior parte dos casos, a que foi mais uniformemente e mais frequentemente repetida na experiencia, a acção deve tambem, na maior parte dos casos, ser uma das mais bem adaptadas ás circumstancias. Mas a acção assim produzida não é senão uma acção racional.

E' assim que cada uma das acções que chamamos racionaes apresenta as tres phases seguintes: 1.º uma certa combinação de impressões que representam alguma

combinação de phenomenos a que o organismo deve ser adaptado; 2.º a idéa de certas acções precedentemente produzidas em circumstancias semelhantes, idéa que é simplesmente uma excitação nascente dos agentes nervosos precedentemente implicados em taes acções, ou para produzil-os, ou para ser affectados por sua producção; 3.º as acções mesmas que são simplesmente os resultados da excitação nascente que se eleva a uma excitação actual.

Tudo isto pode ser muito logico, mas não deixa de ser muito obscuro. Nota-se antes de qualquer outra cousa, nos caracteres geraes da doutrina, uma certa tendencia que faz logo á primeira vista sentir que tudo é physico, que tudo é mechanico.

E assim os actos chamados racionaes vem gradativamente de factos ao principio puramente automaticos. Tudo começa pelo instincto para terminar pela razão. Demais a razão, como a memoria, dando-se a hypothese de uma repetição muito tempo continuada, tende a tornar-se automatica.

Spencer cita como prova dessa transformação, entre outros factos, a leitura em voz alta quando se está pensando em outra cousa.

Na origem a vista das lettras é seguida do pensamento dos sons, estes, das acções requeridas para produzil-as. Mas a connexão entre as impressões visuaes e as acções vocaes pode tornar-se por tal modo automatica, que, como a cada um é facil observar, é possivel ler em voz alta, phrase a phrase, estando a tal ponto occupado de pensar em outra cousa que se é inteiramente inconsciente das palavras pronunciadas. Do mesmo modo grande parte de nossas acções communs de cada dia,—acções em que cada passo na origem foi acompanhado da consciencia das consequencias e, portanto, racional,—transformaram-se pelo habito, mais ou menos completamente, em acções automaticas.

Agora outra observação curiosa é que todo o conhecimento racional que parece intuitivo resulta de uma especie de composição de estados psychicos originariamente

correspondentes a attributos percebidos separadamente e que, ligados mais tarde no pensamento por inferencias, tornaram-se por uma repetição perpetua indissoluvelmente reunidos. De maneira que todos esses factos psychicos, a genese do instincto em suas formas simples, o desenvolvimento da memoria e da razão que d'ahi resultam, e a consolidação dos actos e intuições racionaes em instincto, tudo isto se explica por este unico principio—que a cohesão entre estados psychicos é proporcional á frequencia com que se apresentou na experiencia a relação entre os phenomenos externos correspondentes.

E' a lei da intelligencia. Isto nos leva naturalmente a indagar como Spencer se decide entre os sectarios da experiencia e os representantes do transcendentalismo allemão. E tratando-se dessa questão chega-se ao ponto culminante da philosophia de Spencer, porque sendo esta a questão fundamental na philosophia moderna, succede que Spencer, destacando-se de uma e outra das duas escholas, colloca-se em uma posição inteiramente á parte entre os dous extremos oppostos, ainda aqui procurando apresentar-se como conciliador.

Sabe-se que para a eschola experimental tudo vem da experiencia, mesmo as idéas fundamentaes sem as quaes toda a experiencia é impossivel. Para os transcendentalistas esta idéa é inadmissivel e, segundo elles, tudo vem da experiencia, menos certos factos que existem anteriormente á experiencia e que são a condição da experiencia.

Taes são as chamadas *formas do conhecimento*, idéas *a priori* ou intuitivas, originadas da propria organisação e todas reductiveis a estes tres unicos principios: o espaço, o tempo e a causalidade.

Não se ignora com que trabalho, com que perseverança se esforçam os representantes da eschola experimental para explicar a genese destas idéas e difficilmente se chega a comprehender o resultado de suas investigações; e não deixa de ser uma prova disto o proprio exemplo de Spencer. Os transcendentalistas mais claros

e mais precisos cortam logo a questão pela base e, deixando de lado a experiencia, recorrem á intuição. O espaço, o tempo e a causalidade, asseguram, não nascem da experiencia, pelo contrario são a condição da experiencia, e existem unicamente por força da organisação. E tanto assim é que a sua não existencia é inconcebivel.

Spencer resolve: não têm razão os transcendentalistas nem tambem os representantes da eschola experimental. As idéas de espaço, tempo e causalidade não nascem sómente da experiencia, nem tambem sómente da organisação, porem de uma e outra cousa ao mesmo tempo. Como assim, perguntamos? Eis a explicação de Spencer, segundo as suas proprias palavras: «A lei universal que a cohesão dos estados psychicos é proporcional á frequencia com que se seguem um ao outro na experiencia, não tem necessidade senão de ser completada pela lei de que successões psychicas habituaes estabelecem uma tendencia hereditaria a iguaes successões que, se as condições ficam as mesmas, cresce de geração em geração, para fornecer uma explicação de todos os phenomenos psychicos, e entre outras das chamadas *formas do conhecimento.*» De maneira que é pela hereditariedade que devem ser explicadas as idéas fundamentaes do conhecimento, pelos transcendentalistas consideradas como idéas a *priori,* sendo que tendo sido primitivamente produzidas pela experiencia, foram em virtude da lei da hereditariedade transmittidas de geração em geração até que pelo desenvolvimento da especie, se tornam organicas, já não podendo deixar de ser pensadas, tornando-se mesmo a condição do pensamento, e, é esta a razão porque são consideradas como intuitivas e anteriores a toda experiencia.

VII

O SENTIMENTO

Se todos os phenomenos mentaes são casos da correspondencia entre o organismo e o meio ambiente;

e se esta correspondencia é gradativa, passando insensivelmente de suas formas mais baixas a suas formas mais elevadas, pode-se estar certo, a *priori*, de que o sentimento considerado scientificamente não pode ser separado dos outros phenomenos de consciencia. Ao contrario, saindo, do mesmo modo que o instincto, a razão e a memoria, das formas inferiores da acção psychica, eleva-se por graus successivos ás suas formas mais elevadas, constituindo apenas um dos aspectos do mesmo progresso que explica todas as outras manifestações da intelligencia.

Parece, á primeira vista, que ha um certo antagonismo entre o sentimento e a intelligencia, sendo difficil explicar uma e outra cousa, como desenvolvimento e complicação do mesmo facto. Mas este antagonismo em realidade não existe. E' certo que sentir é experimentar prazer e dor, ao passo que da intelligencia o que nasce é o conhecimento; mas não sómente todo o sentimento envolve conhecimento, como todo o conhecimento é no espirito a representação mental de um facto e essa representacão produz invariavelmente uma emoção agradavel ou desagradavel.

Não ha, pois, linha de separação entre o sentimento e a razão, entre o processo cognitivo e o processo emocional, sendo que, como diz Spencer, nenhum acto de conhecimento pode ser absolutamente puro de emoção, do mesmo modo que «nenhuma emoção pode ser absolutamente pura de conhecimento.»

E' certo que comparando duas formas extremas, como por exemplo, um raciocinio e um accesso de colera, pode-se acreditar que são inteiramente distinctas, mas esta distincção desapparecerá promptamente, logo que sejam comparadas ás formas intermediarias; e por fim sempre se chegará a verificar que todo o estado de consciencia implica ao mesmo tempo emoção e conhecimento.

Consideremos como exemplo o estado de espirito produzido pela contemplação de uma estatua. Ha a principio uma percepção continua, diz Spencer; e isto deve

ser considerado como um acto puramente intellectual. Mas esse acto não poderá produzir-se sem um sentimento de prazer maior ou menor, sem uma certa emoção. Poder-se-á dizer que essa emoção resulta das diversas idéas associadas á forma humana? E' de presumir que estas idéas exerçam alguma influencia sobre a emoção experimentada, mas não são tudo, porque um bello edificio, uma bonita paisagem poderá produzir a mesma emoção.

Pode-se dizer que tudo isto ainda tem alguma relação com a vida humana.; Mas como explicar o prazer que experimentamos em contemplar uma simples curva, —uma ellipse, uma parabola? De tudo isto se vê claramente que o sentimento e o conhecimento são inseparaveis na consciencia; mas ha um facto cuja impressão sobre o espirito torna ainda mais patente esta verdade: é a musica. De facto quem poderá distinguir o que é emocional do que é intellectual nas impressões produzidas pelas harmonias da musica? Entretanto é incontestavel que a musica provoca idéas ao mesmo tempo que disperta emoções; e ouvindo-se um bello pedaço de musica, um canto ou uma orchestra, não sómente sentimos, como ao mesmo tempo pensamos, de maneira que é uma verdade reconhecida por todos que a musica dá vida e calor ás idéas, ao mesmo tempo que é a alma do sentimento.

O sentimento liga-se á sensação, a intelligencia ou o conhecimento liga-se á percepção, de maneira que para estudar a relação entre o sentimento e o conhecimento é indispensavel estudar a relação entre a sensação e a percepção. Ora, essa relação é a mesma que se observa entre o sentimento e o conhecimento: quer dizer: a sensação e a percepção não são dous factos distinctos, mas dous aspectos differentes de um só e mesmo facto, e as differenças não são senão as que resultam de complicações successivas, sendo que as percepções simples são o primeiro grau do conhecimento e é dellas mesmas que nascem e resultam por composição e progresso os conhecimentos mais altos; do mesmo modo que as sen-

sações simples são o primeiro grau do sentimento e é dellas que nascem e resultam, tambem por composição e progresso, todos os outros graus do sentimento.

Passando destas considerações ao estudo synthetico do sentimento, Spencer começa estabelecendo que emquanto as acções são perfeitamente automaticas não existe sentimento.

Ora, já se viu que, emquanto as acções são perfeitamente automaticas, não existe razão, nem memoria. D'ahi se segue que o processo emocional começa justamente quando começa o processo cognitivo e racional, (e isto vem ainda em confirmação do que já ficou dicto, quando se affirmou que o sentimento e o conhecimento não são dous factos distinctos, porem simplesmente dous aspectos de um só e mesmo facto). Vejamos, agora, quando, e como começa o processo cognitivo e racional.

O que diz a esse respeito Spencer? O seguinte: «Quando no curso da evolução geral da vida, a correspondencia attingiu um grau consideravel de complexidade, quando o ajustamento das relações internas com as relações externas começa a abraçar grupos de relações externas comparativamente complicadas e raras; quando, em seguimento, os grupos correspondentes de relações internas são compostos de muitos elementos de que diversos não são muitas vezes repetidos na experiencia; quando, pois, se produzem grupos de relações internas cujos componentes são imperfeitamente coherentes; quando entre as mudanças psychicas se produzem tendencias contrarias, podendo cada uma em particular nascer antes que as outras se produzam; quando assim se produzem acções automaticas, hesitantes e imperfeitas, então nascem ao mesmo tempo a memoria e a razão.» (1)

De maneira que logo que a acção psychica cessa de ser automatica, torna-se racional. Isto por um lado. Agora por outro lado e do mesmo modo, emquanto as acções psychicas são automaticas, são sem sentimento, de ma-

---

(1) Obr. cit. parte cit.

neira que memoria, razão e sentimento nascem ao mesmo tempo. « E não é simplesmente porque nascem a memoria, a razão e o sentimento, que cessa a acção automatica, diz Spencer; mas a producção desses factos e a cessação da acção automatica são uma só e mesma cousa,—são aspectos differentes do mesmo progresso.

Spencer apresenta mais como confirmação desta doutrina, além dos numerosissimos argumentos que formula, o facto decisivo de que se dá com o sentimento a mesma cousa que com a memoria e razão: quer dizer: funcções psychicas que eram a principio acompanhadas de sentimento, tornam-se por numerosas repetições não sómente automaticas, porem mesmo indifferentes, não excitando mais nenhum sentimento. Exemplo: aprende-se a ler e escrever com grande trabalho; entretanto, depois que termina a aprendisagem e quando a arte de ler e escrever se nos torna habitnal, lemos e escrevemos sem nenhuma consciencia do esforço quo nos custava aquillo que agora fazemos sem nenhuma difficuldade.

O mesmo se dá quando aprendemos uma lingua estrangeira, como tractando-se de numerosissimas acções de vida commum que a principio nos custaram grandes esforços; mas que tornando-se habituaes, depois exercemos automaticamente ou quasi automaticamente. Por outro lado cousas que pelo habito se tornaram indifferentes, readquirem seu primitivo attractivo, quando cessamos de usal-as durante um certo intervallo. E' assim que a musica, os amigo, squalquer cousa que apreciamos, nos agradam mais depois de alguma ausencia; e a razão disto é que por uma frequente repetição todo o grupo de mudanças psychicas se approxima de mais a mais do estado automatico, do mesmo modo que por uma cessação completa dessa repetição, começa a perder alguma cousa desse caracter automatico que adquiriu.

Resta observar que o sentimento, sendo uma das causas que levam a acção, é tanto mais poderoso, quanto mais complexo, tanto mais forte, quanto maior é o numero que encerra de sensações actuaes, de sensações

nascentes, ou de umas e outras ao mesmo tempo. Spencer cita em confirmação desta verdade o sentimento do amor que é o mais complexo, o mais composto e por isto mesmo o mais poderoso de todos os sentimentos humanos. E vem aqui a proposito tornar conhecida a theoria do amor, segundo Spencer. Vejam os poetas e litteratos como se pinta a paixão que tem servido de base a tantas inspirações grandiosas, fornecendo assumpto para trabalhos admiraveis de innumeraveis poetas e artistas. Reproduzimos as proprias palavras de Spencer: «Ordinariamente suppõe-se que o amor é um sentimento simples, mas nenhum é mais composto, nem tambem mais energico. Aos elementos puramente physicos que elle encerra, é preciso accrescentar, a principio, as impressões complexas e numerosas que produz a belleza de uma pessoa em torno da qual se agrupa um grande numero de idéas agradaveis que em si mesmas não constituem o sentimento do amor, mas que têm nma certa relação organica com esse sentimento.

A isto accrescente-se o sentimento complexo que chamamos affeição,—sentimento que, podendo existir entre pessoas do mesmo sexo, deve ser considerado em si mesmo como um sentimento independente, mas que attinge sua mais alta actividade entre amantes. Ha tambem o sentimento de admiração, respeito ou veneração que, em si mesmo tem um poder consideravel e no caso em questão se torna activo ao mais alto grau. A isto é preciso accrescenter o sentimento que os phrenologistas chamam *amor de approvação.*

Quando alguem se vê preferido a todo o mundo e isto por alguem que se admira mais que todos os outros, o amor de approvação fica a tal ponto satisfeito que excede todas as experiencias anteriores, especialmente quando a esta satisfação directa é preciso juntar-se a satisfação indirecta que resulta de que esta preferencia é attestada por indifferentes. Demais ha tambem um sentimento visinho do precedente, o da *estima de si mesmo.* Ter chegado a ganhar uma tal affeição da parte de outrem, dominal-o, é uma prova pratica de poder, de

superioridade que não pode deixar de excitar agradavelmente o *amor proprio.*

Demais, o sentimento da posse tem sua parte na actividade geral; ha um prazer de posse; os dous amantes pertencem-se um ao outro, reclamam-se mutuamente como uma especie de propriedade. Mas alem disto o sentimento do amor implica uma grande liberdade de acção. Em relação ás outras pessoas nossa conducta deve ser contida, porque em torno de cada uma ha certos limites delicados que não se podem exceder, ha uma individualidade na qual não se pode penetrar.

Mas tractando-se da pessoa a quem se ama, todas essas barreiras são destruidas e o livre uso da individualidade de outrem nos é concedido, ficando assim satisfeito o amor de uma actividade sem limites. Finalmente ha uma exaltação da sympathia, o prazer puramente pessoal é duplicado sendo partilhado com outro, ao mesmo tempo que os prazeres de outrem são accrescentados aos nossos prazeres puramente pessoaes. Assim em torno do sentimento physico, que forma o nucleo do todo, reunem-se os sentimentos produzidos pela belleza pessoal, os que constituem a simples affeição, o respeito, o amor de approvação, o amor da posse, o amor da liberdade, a sympathia.

Todos esses sentimentos cada um no mais alto grau e tendendo cada um em particular a reflectir sua excitação sobre cada outro, formam o estado psychico composto, que chamamos amor. » (1)

Para estudar o amor, Spencer limita-se, como se vê, a decompol-o em seus elementos, fazendo depois a somma. Esses elementos são o sentimento physico, o sentimento da belleza, a affeição, o respeito, o amor da approvação, o amor proprio, o amor da posse, o amor da liberdade, a sympathia.

Cada um pode ser, por sua vez, decomposto, e entre elles muita cousa se conta bem pouco poetica; e, até deduzindo o que ha de phantastico e illusorio, fica tudo

---

(1) Obr. cit. parte cit.

reduzido ao esqueleto repugnante do goso material ou sentimento physico, se assim é permittido dizer. Mas a imaginação sabe tecer em torno um veu transparente, por tal modo que o amor se torna a cousa mais bella do mundo. Mas nisto fica-se fóra da realidade. Vem depressa a decepção; e aquelles que se amam, são victimas de uma illusão que nem sempre se prolonga. Succede a elles, como succede ás crianças que dão tudo por uma cousa que nada vale; e é por isto que, quando estão juntos, aquelles que se deixam afagar por esta deliciosa illusão, ao mesmo tempo que se consideram os mais felizes do mundo, quem os vê acha-os ridiculos.

VIII

A VONTADE

E' facil de ver pelo que já se tem dicto em relação á acção psychica em geral, que a vontade não pode ser senão outro aspecto do mesmo progresso em virtude do qual apparecem o instincto, a memoria, a razão e o sentimento. Mas, tractando-se especialmente da vontade, nota-se que ella resulta da connexão entre a recepção de certas impressões e a producção de certos movimentos appropriados.

Ora, essa connexão é a principio perfeitamente organica; então ha apenas acção reflexa e tudo se passa sem consciencia. Mas depois a connexão, de perfeita que era, vae pouco a pouco se tornando imperfeitamente organica, tornando-se conscientes as mudanças psychicas que ligam as impressões e os movimentos.

O acto inteiro é então um acto consciente, devendo mostrar simultaneamente memoria, razão, sentimento, vontade, porque não pode haver ajustamento consciente de uma relação interna a uma relação externa sem todos esses elementos. Assim a vontade nasce, do mesmo modo que todos os outros phenomenos psychicos, da complicação e composição da acção reflexa que, sendo a principio perfeitamente automatica, vae pouco a pouco

perdendo esse caracter, á proporção que se torna consciente. Recebida uma impressão complexa, nascem os phenomenos de movimento appropriados que, não podendo passar immediatamente á acção por causa do antagonismo de outros phenomenos de movimento appropriados á alguma impressão intimamente unida á precedente, produzem um estado de consciencia que, quando leva á acção, determina o que chamamos uma volição. Resulta d'ahi um conflicto entre duas series de phenomenos de movimento, ambos em estado nascente, de que uma tende a prevalecer sobre a outra e termina por se traduzir em acção—phenomeno actual de movimento.

Cada serie de phenomenos de movimento nascente produzidos nesse conflicto é uma forma fraca do estado de consciencia correspondente aos phenomenos de movimento quando chega a realisar-se; em outros termos, é uma idéa destes phenomenos. Tracta-se, pois, de um conflicto entre phenomenos de movimento ideaes que tendem a tornar-se reaes, succedendo que um só chega a prevalecer, passando á realidade: e esta passagem de um phenomeno de movimento ideal á realidade é que justamente constitue o que se distingue pelo nome de vontade.

Agora uma observação curiosa é que a vontade, do mesmo modo que a memoria, a razão e o sentimento, tende a desapparecer, á medida que, por sua producção habitual, as mudanças psychicas se tornam automaticas. É' assim que a creança quando começa a andar tem consciencia de cada movimento antes de fazel-o ; mas logo que se desenvolve, anda sem nenhuma consciencia do esforço que emprega. O mesmo succede á creança que aprende a lingua materna, como a qualquer pessoa que estuda uma lingua estrangeira. Cada uma das imitações de sons que produz a creança que aprende a lingua materna ou o homem que estuda uma lingua estrangeira, é voluntaria; mas depois de alguns annos de pratica a conversação se faz sem pensar nos ajustamentos musculares indispensaves para produzir cada articulação,

e os movimentos do apparelho vocal correspondem automaticamente ao seguimento das idéas.

E' inutil observar que a doutrina de Spencer está francamente em desaccordo com as idéas correntes sobre a liberdade. Para elle não ha livre arbitrio, e as acções, como tudo o mais na vida do espirito, estando subordinadas á lei de que a cohesão dos estados psychicos é proporcional á frequencia com que se seguem, um ao outro, na experiencia—são determinadas por essas connexões psychicas que a experiencia produziu, já na vida do individuo, já na vida da especie, pelos resultados que accumulados e transmittidos pelas gerações do passado passaram na constituição individual ao estado organico.

Mas n'este caso, perguntamos, como se explica o facto de ter sido com tanta facilidade e tão geralmente acceita a theoria do livre arbitrio? O livre arbitrio, segundo se deprehende das explicações de Spencer, resulta de uma illusão que, considerada como percepção interna, parece consistir principalmente na supposição de que a cada momento o *eu* é alguma cousa de mais que o estado de consciencia composto que existe então.

« Um homem que, depois de ser submettido a uma impulsão produzida por um grupo de estados psychicos reaes e em estado nascente, realisa uma certa acção, diz Spencer, affirma de ordinario que determinou realisar esta acção e que a realisou sob a influencia desta impulsão; e fallando de si, como de alguma cousa de distincto do grupo de estados psychicos que produziu a impulsão, cae no erro de suppor que não foi a impulsão só que produziu a acção.» (1)

A acção é sempre determinada pelo grupo de estados psychicos que a precederam. Succede, porem, que naquelle momento o *eu* é justamente constituido por aquelle grupo de estados psychicos; por isto pode-se igualmente dizer que a acção é determinada pelo *eu*.

---

(1) Obr. cit. part. cit.

Mas ordinariamente suppõe-se que o *eu* é outra cousa e é d'ahi que se origina o erro do livre arbitrio.

Para provar que o *eu* não se distingue em cada momento do grupo de estados psychicos correspondentes, Spencer formula o seguinte argumento que reproduzimos pela sua originalidade: « Ou o *eu* que quer a acção é um certo estado de consciencia simples ou composto, ou não. Se não é um certo estado de consciencia, é alguma cousa de que somos inconscientes, alguma cousa portanto desconhecida,—alguma cousa que para nós não tem, nem pode ter nenhuma evidencia, alguma cousa que é absurdo suppor existente. Mas se o *eu* é um certo estado de consciencia, então, como elle é sempre presente, não pode ser a cada momento outra cousa senão o estado de consciencia presente a cada momento.»

Resulta d'ahi que, quando alguma impressão recebida do exterior constitue o estado psychico composto que precede á acção, é natural que aquelle que é o sujeito desse estado psychico diga que quer a acção, porque o seu *eu* e o estado psychico são naquelle momento uma só e mesma cousa. Mas dizer que a producção da acção é, por esta razão, o resultado do livre arbitrio do *eu*, observa Spencer, é dizer que elle determina as cohesões dos estados psychicos pelos quaes a acção é excitada; e como estes estados psychicos constituem o *eu* neste momento, é dizer que estes estados psychicos determinam sua propria cohesão, o que é absurdo.

A cohesão do espirito ou do *eu* foi inteiramente determinada pela experiencia e esta é constituida por dous elementos que são: 1.º as experiencias dos organismos anteriores que são o elemento principal e formam em cada individuo o que se chama o seu caracter natural; 2.º as experiencias do proprio individuo que são o elemento secundario.

Esta illusão subjectiva de onde se origina a noção do livre arbitrio é corroborada por um illusão objectiva correspondente. E' que as acções dos outros individuos são por tal modo inconstantes, variaveis e incertas, que

não é de crer que sejam reguladas por alguma lei; parecendo que são absolutamente livres ou determinadas unicamente por esse desconhecido que se chama vontade. Mas isto resulta unicamente da extrema complicação das forças em acção.

São muitos e muito complexos os elementos que entram em jogo; por isto parece que as acções são completamente indeterminadas. Porem um corpo submettido a muitas influencias diversas está tambem nas mesmas condições, move-se, ao que parece, livremente. Mas aqui é conveniente reproduzir as proprias palavras de Spencer: «Um corpo no espaço submettido á attração de um só outro corpo mover-se-á n'uma direcção que pode ser predeterminada com precisão. Se é submettido á attração de dous corpos, sua direcção não será calculada senão approximadamente. Se é submettido á attração de tres corpos, sua carreira não poderá ser calculada senão com uma precisão ainda menor. E, se é cercado de corpos de toda grandeza, em todas as direcções e a toda a distancia, seu movimento parecerá independente da influencia de cada um delles, e seguirá uma linha indefinidamente variavel que parecerá se determinar por si mesma: parecerá que é livre.

Do mesmo modo tambem, á medida que as cohesões de cado estado psychico com os outros se tornam grandes em numero e variaveis em graus, as mudanças psychicas se tornarão incalculaveis, parecendo que não são submettidas a nenhuma lei.» (1)

RAYMUNDO DE FARIAS BRITO.

---

(1) Obr. cit. part. cit.

